



O PESSOAL É POLÍTICO:

O PAPEL DA LITERATURA NOS DIREITOS HUMANOS E NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Rachel de Souza Maximino¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – racheldesouza-q@hotmail.com

RESUMO

“*O pessoal é político*” é um slogan da segunda onda do feminismo, onde os grupos de conscientização das mulheres perceberam que os aspectos da vida privada diziam respeito dos valores impostos pela sociedade, desde a cor das roupas até as escolhas de carreiras e apoio aos movimentos sociais. A vida privada/ direito privado é controlada pelo direito público/ opinião pública. Com o passar dos estágios do individuo ele acaba internalizando todos esses conceitos como verdadeiros e pior, como único caminho correto a ser seguido. De fato, a naturalização é uma importante ferramenta para absorvermos toda a discriminação presente nas relações sociais. Ela é essencial para que essas relações se tornem invisíveis, ou irrelevantes, para o debate. Vemos isso nas pautas de gênero, de classes, entre outros. Os valores sociais tendem a marginalizar os movimentos, e ainda, se esses movimentos puderem ser reformulados, para se vender uma versão mais acessível e esvaziada de seu significado, eles o fazem. Expressões como: Trabalhar como um negro; programa de índio; serviço de branco; por trás de um grande homem existe uma grande mulher; falar como uma lavadeira; conversa de macho; preto de alma branca; Não sou tuas negas; cabelo bom e cabelo ruim; Só podia ser mulher- São algumas expressões que ouvimos e reproduzimos ao longo de nossas vidas e que paira sobre profundas divergências econômicas e sociais do nosso país, num processo histórico. Romper toda a tendência à “guetificação” presente também nas instituições educativas supõe um grande desafio para a educação. E aí é onde se encaixa o empoderamento desses povos. Uma vez que esse proporciona a liberdade e a possibilidade das pessoas que, historicamente, tiveram menos poder na sociedade a serem sujeitos de suas vidas, serem atores sociais. Favorecendo uma organização e participação ativa na sociedade civil. Dentro dessa busca por mais conscientização, se encaixa a literatura, pois nas sociedades ela tem sido um instrumento crucial de instrução e de educação, sendo proposta aos sujeitos como equipamento intelectual e afetivo. Cada sociedade cria as suas manifestações literárias a partir de suas crenças, seus sentidos, suas normas, a fim de criar e sustentar em cada um a presença e

1 Graduanda em Direito, voluntaria no projeto de extensão Direitos Humanos na Prática.



atuação da cultura já instaurada. A literatura tem o papel essencial na incorporação difusa e inconsciente de ideais. Concernente a Antonio Candido: Toda obra literária é, antes de mais nada, uma espécie de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção.

Palavras Chaves: Direitos Humanos, Educação Inclusiva, Monocultura, Literatura, diversidade.

INTRODUÇÃO

O amadurecimento desse trabalho se deu com a observação de contrastes sociais, bem como leitura de diversas plataformas como: livros, revistas, artigos e apostilas. Ao passar das vivências, fui enxergando certo padrão, percebendo que vivemos em um sistema onde o próprio nos da todas as condições para continuarmos em nossa atual posição, com os mesmos *capitais*². Isso se dá porque somos induzidos a reproduzir certo comportamento para o grupo no qual estamos inseridos. Fui voluntária em uma escola de periferia, realidade distante da que sempre vivi, e lá pude observar o padrão de comportamento das crianças e contrapor com as ações das crianças da escola onde minha prima estudava. Com toda a observação em volta dessas diferenças me fiz a seguinte pergunta: Como nos tornamos quem somos? É obvio que não se trata de descartar a personalidade da criança dentro do contexto em que ela está inserida, mas sim destacar como as influencias dos meios externos agem para a perpetuação da atual situação.

“Num dia de Sol, Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.”³

É primordial a discussão sobre o livro de Piaget, *Le Jugement Moral Chez l’Efant* (1932) onde ele retrata os estágios da construção moral de uma criança e como ela tende por absorver e reproduzir uma moral a qual ela é submetida ao longo desses estágios. De inicio, a criança desconhece ainda as regras sociais, movimentando-se no mundo de forma quase que inconsciente. As ordens e proibições feitas pelo mundo “de fora” ainda não são compreendidas, e até mesmo não aceitas, por elas. Depois de passar por vários estágios, a criança finalmente entende aquele conjunto de ações (normas, morais, linguagem) como parte dela também, pois ela começa a se ver como fração daquele todo. Não coincidentemente, essa é a fase onde os pais e a sociedade constroem valores para esses indivíduos. Nas pessoas com o sexo feminino são colocadas roupas rosas e uma boneca na mão, já nas de sexo masculinos

2 BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

3 SCIENCE, Chico. A Cidade. Rio de Janeiro: Chaos, 1993-1994, Mídia digital.



são colocadas roupas azuis e uma bola no pé. Isso é o que chamamos de construção de gênero. As crianças são induzidas no que devem gostar e não gostar, o que pode ser da sua realidade e o que não pode. Para além das construções de gênero, temos a construção do preconceito e o racismo disfarçado. Os jovens crescem ouvindo expressões coloniais e observando a representatividade débil de alguns povos na TV, eles começam a ver o que é considerado bonito: as paquitas, as mulheres dançando em programas de tv, as misses. E acaba por naturalizar tudo aquilo que aprendeu e absorveu.

O PESSOAL É POLÍTICO

O Capitão Jonathan,

Com a idade de dezoito anos,

Captura, um dia, um pelicano

Em uma ilha do Extremo Oriente.

O pelicano de Jonathan,

Na manhã, põe um ovo totalmente branco

E desse ovo sai um pelicano

Que se parece espantosamente com o primeiro pelicano.

E o segundo pelicano

Põe, por sua vez, um ovo também branco

De onde sai, inevitavelmente,

Um outro do mesmo jeito.

Isto pode durar muito tempo

Se, antes, não for feita uma omelete.⁴

Essa expressão surgiu na segunda onda do feminismo, na voz de Carol Hanisch. A frase é de efeito, daquelas que nos levam a pensar. Ela consiste no posicionamento de cada indivíduo no político, a eliminação da separação entre público e privado, entre desejo e poder.

⁴ BOURDIEU. Apud. DESNOS, Robert. 1982, p. 7



Isso quer dizer que cada um está no mundo social com aquilo que é e, ao mesmo tempo, cada um é fruto daquilo que está além de si mesmo. Somos construções políticas moldadas e não apenas personalidades individuais. A questão do “*pessoal ser político*” nos serve de ponto de partida para refletir sobre a ética, de um modo geral, enquanto ela implica no que somos e como nos tornamos o que somos, enquanto isso só se constrói porque vivemos junto uns dos outros, pela sociedade em que estamos, a literatura que nós consumimos (ou a que nos é dada). E não é por acaso, cada sociedade compõe seu aparato de literatura, produtos, etc, de acordo com seus valores sociais. Logo o que consumimos, apesar de não deixar de ser escolha, é uma escolha dentro das possibilidades que o nosso contexto nos dá. Somos o resultado de um processo que está além de nós e, ao mesmo tempo, posso dar continuidade a ele ou modificá-lo.

É fato que a identidade de gênero é construída por meio das relações sociais que marcam a vida de cada indivíduo. Com isso vem um dos mais sérios problemas na definição dessa dicotomia de gêneros: a relação entre o o sexo biológico ao gênero social. O gênero acaba por ser um conceito que remete à construção cultural, o que é masculinidade e feminilidade. Assim, nomeamos os papéis sexuais e sociais dos indivíduos. Diante dessa dicotomia de gêneros, essa seria o primeiro modo de dar significado às relações de poder. Logo, propor uma educação intercultural sem considerar o gênero é algo primordial para dissolvermos a distinção social feita entre as pessoas, pois a cultura sexual traça um estereótipo que separa desde as crianças. Com isso vem a naturalização/normalização dessas relações entre “o que um macho deve fazer” e “o que uma fêmea deve fazer”, e isso acaba por fabricar uma política de vulnerabilidade na escola.

Nesse processo podemos citar a teoria de Max Weber, que distinguiu três tipos de comportamento socialmente regulados, em Economia e Sociedade (1921), o uso, a tradição e a convenção e ou direito. O “uso” é definido como uma forma de comportamento regulamentado que se da pela mera repetição inconsciente de certos comportamentos. Que representaria o primeiro contato de uma criança a uma tradição alheia. A “tradição” se da quando essa repetição repousa em uma longa vivência e se torna “hábito”. Seria o estagio onde a criança já toma consciência do que está fazendo/dizendo/reproduzindo. Ele já se vê como sociedade. Nesse caso há uma tomada da conscientização das regularidades do comportamento passado que servem de padrão para o futuro. E, por fim, na “convenção” que surge a consciência de que as normas podem ser criadas intencionalmente, sendo produtos da vontade humana definida, com início exato.



A LITERATURA

De início, vamos abranger o termo “literatura” da forma mais ampla possível. Vendo que a literatura é toda e qualquer expressão, seja ela de cunho poético, ficcional, folclórica, etc. A literatura é objeto de uma problematização, de um questionamento, de um ponto de vista sobre determinado acontecimento real ou não. É um fator indispensável para o ser humano, pois ela confere ao homem sua humanidade.

A função da literatura pode-se distinguir pelo menos em três partes. Primeiramente ela é uma construção de objetos independentes com estrutura e significado. Não obstante ela é uma forma de expressão, como já foi dito, ela manifesta a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos que eles estão inseridos, visão esta que pode ser científica, afetiva ou meramente discricional. Por fim, mas não menos relevante, a literatura é uma forma de conhecimento, e como já mencionado, uma incorporação transversal e as vezes até inconsciente de ideais de um indivíduo ou grupo. E é sobre essas influências que irei me aprofundar nesse artigo.

Diante essa última afirmação vemos que a literatura atua sobre nós, pois ela é, em sua essência, um tipo de instrução que gera, querendo ou não, aprendizado. É válido lembrar que esse terceiro elemento da literatura só é possível pelo conjunto dos outros dois elementos. Sendo o primeiro correspondente à maneira que o texto é construído, que por sua vez depende, diretamente ou indiretamente, da segunda faceta, o indivíduo ou grupo que ele está inserido.

Citando Antonio Candido, fala-se de humanização do ser humano pela literatura. Esse fato se dá pelo fato de que a literatura nos dá traços que julgamos essenciais, tais como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a lapidação das emoções, senso de beleza, cultivo de humor e a capacidade de penetrar os problemas da vida. Lemos, vemos, sentimos tudo que nos está posto desde sempre, em vários lugares e acabamos por internalizar e aceitar. “Sempre foi assim e sempre vai ser”. E tendo a literatura esse poder sobre a cultura dos indivíduos ela se torna uma faca de dois gumes, isso pode ser usado para manter ou mudar o que está posto. Já que a própria satisfaz, em outro nível, a necessidade de conhecer os sentimentos, a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em relação a eles. Vemos na história que a literatura pode ser uma arma poderosa para o conhecimento dos sujeitos, em regimes totalitários ela é o primeiro elemento a ser controlado, justamente por ser vista como algo tão influenciador. Se lembrarmos brevemente do Nazismo, haviam fogueiras e mais fogueiras das artes que o regime considerada “improprio”. Outro exemplo seria na fase de domínio da igreja católica,



onde inclusive a Bíblia era proibida. A literatura é um elemento indispensável para sairmos da caverna. “Conhecerás a verdade e a verdade vos libertará”.

Ficou indiscutível que a literatura possui o poder de fazer o leitor a tomar posição em face da iniquidade social, como vemos nas épocas de revoluções sociais. Diante da capacidade da literatura aos olhos dos indivíduos para [novas] reflexões sociais, que alimentam o combate pelos direitos humanos, uma vez que essa modalidade de literatura visa descrever e não eventualmente a tomar posição em razão das iniquidades sociais.

Temos exemplos históricos, no Romance Humanitário e social do começo do século XIX, bem como o aparecimento do Romance Social. Vemos nesses exemplos que naquele tempo a condição de vida sofreu grande mudança negativa, que chamou atenção para os observadores gerando livros sobre a situação da classe menos favorecida e também romances que descrevem a nova situação do pobre. Fator muito importante para o desmascaramento social dessa época. Artistas que contribuíram para expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a marginalização entre outras lutas dos direitos humanos.

Diante do exposto, vê-se que é de suma importância que não só a população, mas que o governo em si contribua para a criação e divulgação de uma literatura com mais diversidade. São pouquíssimas artes conhecidas e até produzidas com o tema de minorias. É certo que é uma produção crescente na sociedade contemporânea, mas não esta produção não está conseguindo acompanhar a necessidade da sociedade. Nosso coletivo está sem instrução para receber as minorias que sempre tiveram papel menor em nossa sociedade. No nosso cotidiano ainda vemos nas artes: novelas, livros, propagandas- que fazem alusão aos estereótipos engessados: O gay engraçado, a mulher louca (seja de ciúmes, de amor, de vontade de ficar rica, de fome), a empregada negra, entre outros.

É preciso tomar as literaturas, em todas suas formas, como ferramenta para conscientização da população em massa. Quando falo em literatura, não só a literatura “fora da sala de aula”, mas principalmente da dentro da sala de aula, com o foco nos primeiros anos de ensino para podermos tentar retirar a naturalização negativa e engessada que tivemos que conviver. Fazer um ensino que aceite a individualidade do sujeito, ao invés de tentar encaixá-lo em algum padrão que é criado. E para isso a literatura é uma ferramenta base.

O SISTEMA EDUCACIONAL



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENCÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

De início, seria imprescindível penetrar no universo de preconceito e discriminação. O que se torna uma tarefa árdua, uma vez que ele está difuso, internalizado e naturalizado entre nós de forma sutil, muitas vezes. E por isso o processo de desmontar, desconstruir, esse universo é tão difícil. Primeiramente teríamos que admitir o caráter desigual das mulheres, dos grupos étnico raciais e dos LGBTQ e só a partir disso desenvolver estratégias nesta perspectiva. Precisaríamos questionar o caráter monocultural e binário da educação e da sociedade.

O Supremo Tribunal Federal afirmou que quando se trata em equidade estamos falando de tratar os iguais igualmente e os desiguais a medida da sua desigualdade. Por isso precisamos articular a igualdade e ao mesmo tempo a liberdade de diferença no nível das políticas educativas. E assim reconstruir os processos de construção das nossas identidades culturais, tanto para o sujeito quanto para o coletivo. É prudente que se opere com a dinamicidade dos gêneros e das culturas que se apresentam nas escolas e a possibilidade da hibridização destas. A escola deve ser capaz de integrar raízes históricas e as novas configurações, evitando-se uma visão de universos binários e culturais fechados.

Por fim, promover experiências de interação para podermos relativizar nossa própria maneira de situar-nos diante do mundo. É preciso buscar um foco global que deve afetar todo mundo em todos os estágios do processo educativo nos diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. “Trata-se de afirmar uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional.”⁵

A educação inclusiva vai além da inserção das alunas e dos alunos na sala de aula regular, tal proposta busca verificar quais alterações estruturais, modificações na condução do processo de ensinar e de aprender e, principalmente, quais propostas metodológicas e ações pedagógicas foram estruturadas para atender as necessidades não somente dos alunos incluídos, mas de todos os outros que frequentam a sala de aula regular.

CONCLUSÕES FINAIS

É fato que tudo que aprendemos tem algum sentido em nosso contexto, desde nossa linguagem, as escolhas de nossas roupas até a escolha de nossas profissões. Diante disso, vemos ferramentas essenciais que podem contribuir para a ampliação de nossa visão de mundo, nos dando o poder de comparação e conseqüentemente de escolha. A literatura 5CANDAUI, Vera Maria. Educação intercultural no contexto brasileiro: questões e desafios. Revista Grifos. Chapecó, n 15, p. 18. Maio 2004.



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENCÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

aliciada a uma educação inclusiva que nos incentive ver não só as artes regulares, aquelas que sempre estiveram em destaque para manter o mesmo padrão de comportamento, mas também as expressões artísticas por vezes marginalizadas. As literaturas da nossa realidade, porem vista com outros olhos podem nos dar uma interpretação nova da nossa própria vida, ou da vida do outro, empatia.

Para todas as ditas minorias que são naturalizadas como “mais fraco” e atualmente “grupo do mimimi”, é de suma importância uma reformulação da forma que a literatura e a educação nos é dada hoje em dia. Percebemos o quanto é difícil ter o movimento na rua, enquanto na sala de aula temos que ler livros e mais livros mostrando em suas historias que existem “mulheres pra casar” quase que como um manual de comportamento para as mulheres e de escolhas para os homens, entre tantos outros exemplos. A literatura tem todo o aparato para a construção de uma nova sociedade, pois ela pode abrir os olhos dos leitores e sensibiliza-los para as novas dimensões sociais, e a escola, é claro, tem que mostrar essa literatura para os alunos.



- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SCIENCE, Chico. **A Cidade**. Rio de Janeiro: Chaos, 1993-1994, Mídia digital.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural no contexto brasileiro**: questões e desafios. Revista Grifos. Chapecó, n 15, p. 17 – 47. Maio 2004.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. Revista Grifos. Chapecó, n 15, p. 9 – 16. Maio 2004.
- PEDRO, Joana Maria. **Meu corpo, minhas regras**: “segunda onda do feminismo queima junto com sutiãs, antigos padrões de beleza, juventude e sexualidade. Revista de História da Biblioteca Central. Rio de Janeiro. n 113, p. 30 – 33. Fevereiro 2015.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos E...** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.